

A produção de sentidos sobre as diferenças

Fabiola Beatriz Franco Souza

Já deve ser suficientemente conhecida a Lei 10.639/2003 para promover o conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileiras.

Este artigo vai à frente e usa a literatura infantil para tratar esses conteúdos em sala de aula. E discute neste artigo o aproveitamento de três livros infantis neste trabalho

As políticas de valorização da diversidade étnico-racial vêm assumindo legalidade a partir de diferentes políticas públicas, derivadas de mobilizações de diversos segmentos da sociedade que colocam em discussão a prioridade de se garantir direitos sociais aos grupos considerados diferentes. É relevante admitir que essas políticas não encontram consenso, promovendo, desta maneira, diferentes movimentos de adesão ou repúdio às muitas ações que se instalam no cenário social, histórico, cultural e econômico do nosso país.

Dentre as políticas públicas que abarcam esse tema posso citar a necessidade de valorizar a diversidade cultural, a qual passa a brotar com força impulsionada pelos Mo-

vimentos Sociais Negros. Por isto torna-se importante assumir o fato de que vivemos em uma sociedade extremamente desigual, para, a partir daí, lutarmos pela implantação de uma educação que valorize a pluralidade cultural e desafie estereótipos e preconceitos a ela re-

lacionados. Assumo, e convido todos os professores assumirem, o papel de defesa da implantação da lei 10.639/03¹ e suas diretrizes², pois só assim poderemos nos orgulhar de sermos agentes sociais e culturais na construção de uma sociedade mais democrática e justa.

As relações raciais no livro de literatura infantil é material importante para fazer a criança negra valorizar sua cor e reconhecer que a história dos seus antepassados era de trabalho e luta. É sublime desconstruir estratégias de discriminação do negro



Estabeleço como foco deste projeto a literatura infantil, visto que pelo livro o autor e o ilustrador podem proporcionar ao leitor juízos de valores que se reconstróem através das imagens e das palavras ali expressas, tornando-se um espaço em que representações sociais não são apenas neutras, mas apresentam enredos e lógicas de forma ideológicas.

A exemplo disso temos o livro "Betina", de Nilma Lino Gomes, com uma ilustração belíssima de Denise Nascimento. Com este livro a criança compreende que o cabelo do afrodescendente certamente é parte do perfil estético da identidade negra. O penteado requer mãos habilidosas e uma grande alegria que reafirma os valores tão intimamente presente nessa cultura. "A cabeça (e tudo o que ela representa) une o mundo contemporâneo à ancestralidade, relaciona as pessoas com os mitos criadores, identifica e distingue os povos e sociedades"³.

Seguindo nesse caminho, o tema das relações raciais no Brasil tratado no livro de literatura infantil torna-se um material importante de análise, pois nele encontramos ideologias através de estratégias específicas. Por isso, meu olhar procura trazer algumas reflexões positivas no que se refere aos aspectos das relações raciais nesse

mundo dos livros, no sentido de fazer a criança negra valorizar sua cor e reconhecer que a história dos seus antepassados era de trabalho e luta. É sublime desconstruir estratégias de discriminação do negro, como a que transforma características físicas em marcas de inferioridade, ao adotar determinados padrões de beleza/feiúra.

Um outro exemplo que pode ser citado, no que se refere à valorização da estética africana é o livro "Menina bonita do laço de fita", com uma riquíssima ilustração de Claudius. Nesta obra há um coelhinho branco que deseja a todo custo ter a pele da cor daquela menina do laço de fita. Para isso, apronta um monte de peripécias e acaba por descobrir que a menina herdou aquela cor dos seus antepassados. Daí por diante o coelho segue um caminho natural que o leva a se aproximar cada vez mais de sua admirada criança negra e do seu objetivo de ter os pelos escurecidos. Através desse livro, além de começar a valorizar a estética africana, o aluno pode enxergar a diversidade como fator de enriquecimento cultural.

A educação escolarizada no Brasil ainda está pautada numa tradição que valoriza visão eurocêntrica, deixando de fora as muitas culturas existentes na sociedade brasileira, em particular a cultura

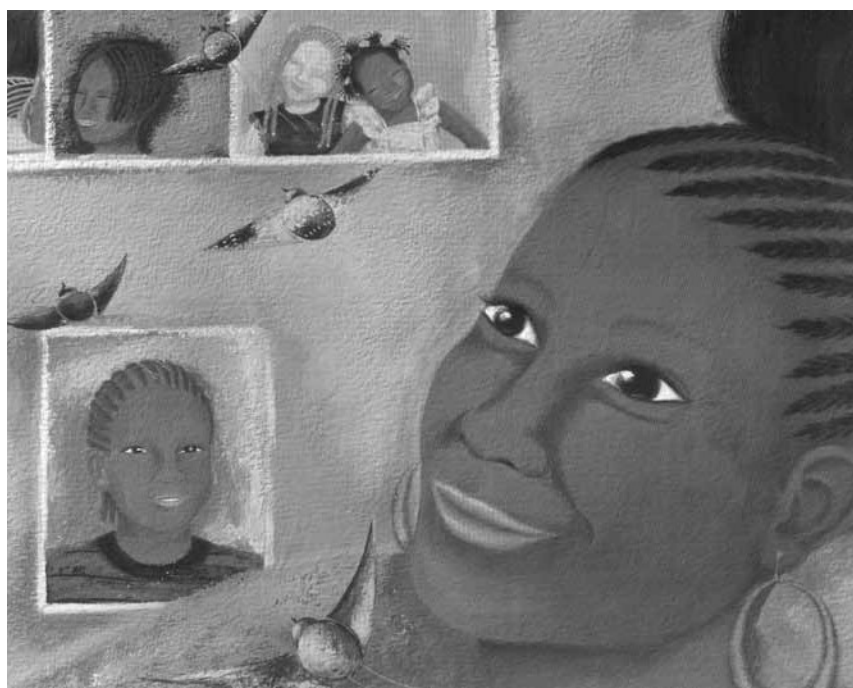
A educação escolarizada no Brasil ainda está pautada numa visão eurocêntrica, deixando de fora as muitas culturas existentes na sociedade brasileira, em particular a trazida pelos povos africanos

ra trazida pelos povos africanos. Por isso, construir uma prática pedagógica que destaque o negro como sujeito ativo na construção de nossa sociedade é um dos grandes desafios que a escola tem enfrentado. (Souza, 2008)

A escola sempre teve dificuldade em lidar com pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (Moireira e Candau, 2003, p.161).

A mais importante mudança que a essa instituição de ensino precisa sofrer constitui-se na própria concepção de educação. A educação voltada para o trabalho com a diversidade cultural e consequentemente com a educação antirracista, deixa de ser assumida como um processo de mera transmissão e assimilação de conteúdos e passa a ser entendida como construtora de um saber crítico e reflexivo, capaz de formar um aluno que possa conviver, aprender e construir um diálogo entre diferentes grupos socioculturais, tentando assim diminuir as profundas desigualdades sociais do país.

O reconhecimento da diversidade étnica brasileira leva à atualização da LDB (Lei federal 9.394/96) com a lei 10.639/03 e, mais recentemente, com a lei 11.645/08⁴. No





entanto, ainda percebemos uma lacuna existente na literatura infanto-juvenil quando se trata de valorizar a história, a cultura e a memória dos afro-brasileiros e indígenas. Essa lacuna só será mudada quando, em sala de aula, o professor trabalhar com livros que abordem as culturas desses povos, evitando o apagamento de identidades.

Nesse ínterim proponho atenção específica à lei 10.639/03, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que a partir de 9 de janeiro de 2003 fez a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional vigorar com o acréscimo dos seguintes artigos:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no ambi-

to de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

“Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’

No dia 17 de março de 2004 o Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A partir daí as escolas puderam contar com um documento, legal, capaz de orientar a prática pedagógica, quanto à aplicação da Lei 10.639/03.

Para muito além de uma função de entretenimento, os livros voltados para o leitor infantil apresentam a variedade de diferentes conflitos psíquicos relacionando personagens, como estereótipos, preconceito, perda, traição, abando-

no, competitividade, etc. que ajudam na formação da identidade da criança.

As crianças negras precisam se reconhecer nas histórias contadas na escola, pois só assim o sentimento de inferioridade e autorrejeição darão lugar à construção de uma identidade nacional e étnica verdadeira, já que num processo de transferência, influenciado pela imaginação, os pequenos se colocam no lugar dos personagens e vivenciam suas sensações. A contribuição para a afirmação de identidade étnica se fará presente, quando a criança leitora se identificar com as narrativas e os personagens que retratam problemáticas semelhantes às suas.

“É flagrante a ausência de um questionamento crítico por parte das profissionais da escola sobre a presença de crianças negras no cotidiano escolar. Esse fato, além de confirmar o despreparo das educadoras para relacionarem com os alunos negros evidência, também, seu desinteresse em incluí-los positivamente na vida escolar. Interação com eles diariamente, mas não se preocupam em conhecer suas especificidades e necessidades” (Cavalheiro, 2000, p. 35).

Quando se busca incorporar nos currículos do ensino básico conteúdos que valorizem as relações étnico-raciais, deve-se acima de tudo considerar a diversidade cultural como um patrimônio de um povo, acabando assim com a suposta superioridade de uma raça sobre a outra. Portanto, o maior desafio dos professores é trazer para a discussão questões que sensibilizem e incorporem no imaginário infantil a valorização da história e da cultura africana e afro-brasi-

O livro “Os sete novos – um conto de Kwanzaa”, de Ângela Shelf Medearis e ilustrações de Daniel Minter, ensina às crianças valores de sociabilidade. A educação deve proporcionar a formação de cidadãos que respeitem os valores positivos que se baseiam nas diferenças físicas, crenças religiosas e nas práticas culturais

leira. Deste modo a literatura infantil apresenta-se como uma possibilidade de propor para as crianças formas justa de convivência com o diferente, a fim de crescerem como adultos capazes fazer a diferença numa sociedade como a nossa, caracteristicamente preconceituosa e carente de valores éticos e morais, para que tenhamos seres humanos capazes de construir uma sociedade inclusiva em palavras, ações, gestos e atitudes. Por isso, as discussões sobre a diversidade devem estar no cerne das aulas lecionadas para as turmas das séries iniciais do ensino fundamental. Se a criança não for preparada para conviver com as diferenças, dificilmente romperá com os preconceitos presentes em seu meio, podendo repetir os padrões de discriminação que aprendeu.

No livro “Os sete novelos – conto de Kwanzaa”, a autora Ângela Shelf Medearis usa os Nguzo Saba, os sete princípios do Kwanzaa, para escrever uma fábula com influência da cultura africana. As ilustrações do pintor Daniel Minter

As crianças negras precisam se reconhecer nas histórias contadas na escola, pois só assim o sentimento de inferioridade e autorrejeição darão lugar à construção de sua verdadeira identidade

valorizam, e muito, o vestuário, seus tecidos trançados e cores vivas típicos dos povos africanos, especificamente de Gana, onde se passa a história. Conta que na tribo Axânti uma família com sete filhos órfãos de mãe vive em desarmonia entre si, o que causa grande decepção ao pai. Quando este morre, o chefe da aldeia administra a herança que foi deixada, sob

determinadas condições: os filhos teriam que transformar sete novelos de fios de seda em ouro. Caso contrário, seriam expulsos de casa como mendigos e perderiam os bens para os aldeões. Os irmãos fazem um acordo de paz e, em conjunto, buscam soluções. Observam os hábitos do povo e conseguem criar e produzir um tecido que desperta a atenção do tesoureiro do rei. Em troca do tecido, recebem uma sacola de ouro e, com isso, a herança. O filho mais novo não se alegra, pois percebe que seu povo nada receberá. Como solução, propõe que os aldeões sejam ensinados a tecer, para que também consigam transformar fios em ouro.

Como ensinar às crianças valores de sociabilidade é preocupação de todos pais e educadores, esse livro pode ser uma ótima referência, visto que a cultura africana é caracterizada pela vasta diversidade de valores sociais. Trilhando nessa direção, parte-se do pressuposto de que a educação deve proporcionar a formação de cidadãos



que respeitem os valores positivos que emergem das diferenças, possibilitando desta maneira a eliminação de preconceitos étnicos, que se baseiam nas diferenças físicas, crenças religiosas ou até mesmo nas práticas culturais.

Infelizmente a discriminação, o preconceito e, acima de tudo, o racismo ainda se apresentam como ações, conceitos e atitudes no ambiente escolar de maneira implícita e camuflada. É necessário que a escola avance na inclusão de conteúdos voltados ao trato das relações étnico-raciais no seu cotidiano. Na medida em que essa instituição, durante muito tempo, evitou discutir esta temática no seu interior, ela contribuía para manter a estrutura de uma sociedade desigual. Desta maneira vê-se a necessidade da adoção de práticas pedagógicas que tratem as culturas afro-brasileira e africana pelo viés da positividade, discutindo sobre os valores

de outras culturas que estão presentes no universo escolar, como a africana e indígena, que tiveram suas vozes silenciadas.

No entanto, constata-se o enorme despreparo das instituições de ensino para lidar com a sua realidade multirracial. Na medida em que, por exemplo, os docentes silenciam diante de manifestações de preconceito e de discriminação racial, mantendo-se indiferentes, levantamos os seguintes questionamentos: quais os primeiros passos a serem implementados para uma política antirracista, no sentido de transformar o coletivo escolar? A mudança dos conteúdos curriculares relacionados ao legado da história e das culturas afro-brasileira e africana, e principalmente ao reconhecimento que o Brasil é um país racista, é uma alternativa viável? (Souza, 2009).

Uma resposta a essas pergun-

tas seria que a escola tem enorme responsabilidade no combate à discriminação racial. Embora a legislação federal tenha assegurado que essa temática seja trabalhada na escola, verifica-se que muitos professores não estão assumindo esta responsabilidade. Por isto, a literatura infantil deve exercer a sua verdadeira função formadora, apresentando modelos de comportamentos que facilitam integração da criança na sociedade. Daí a importância de se trabalhar a cultura africana por meio da literatura infantil, pois só assim a criança começará a valorizar a história e cultura deste povo e compreenderá que esta história e esta cultura têm muito a nos ensinar. A fim de concluir esse artigo remeto-me à frase final da minha dissertação, a qual fazia alusão a um dizer muito conhecida de Sêneca: "O vento não é favorável para quem não sabe aonde vai". Andais e procurais sua direção.

Fabiola Beatriz Franco Souza

Professora da Rede Municipal de Ensino de Curitiba

Notas e referências



1. Medida de ação afirmativa que torna obrigatória, nos currículos dos estabelecimentos de ensino, a inclusão do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira.

2. Diretrizes baseada no parecer CNE/CP Nº 03/04, que visa regulamentar a alteração trazida à lei 9.394/96 de Diretrizes a Bases da Educação Nacional, pela lei 10.639/2003

3. Raul Lody: Cabelos de Axé: Identidade e Resistência (2004, p.98).

4. Medida de ação afirmativa que torna obrigatório, nos currículos dos estabelecimentos de ensino, a inclusão do ensino de História e Cultura Indígena.

- CAVALHEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Educação e Poder; racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil. São Paulo, Summus, 2000.
- DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa. 8 a. Ed. São Paulo: Autores Associados, 2007
- ENS, Romilda Teodora. Políticas educacionais de formação continuada de pro-

fessores: projeto escola & universidade da rede municipal de Curitiba. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/230_831.pdf (Acesso em: 24/06/10)

- GOMES, Nilma Lino Gomes. Betina. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.
- LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: Um breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil. In. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. KABENGELE, Munanga (Org.). Alfabetização e diversidade. Brasília: MEC/SEC, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do laço de fita. São Paulo: Ática, 2005.
- MARTINS, Pura Lúcia Oliver. A Relação teoria e prática na formação do professor universitário: princípios e metodologia. In; Diálogo educacional. V. 4 nº10 set/dez. 2003
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas – Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro – Brasileira e Africana. Mec, 2004.
- _____ Ministério da Educação.

Lei nº 10.639, História e Cultura Afro – Brasileira. Brasília, 9 de janeiro de 2003.

- MOREIRA, A.F. & CANDAU, V. M. (2003). Educação escolar e culturas: Construindo Caminhos. Revista Brasileira de Educação, nº 23, maio-agosto.
- MOREIRA, Herivelto. As perspectivas da pesquisa qualitativa para as políticas públicas em educação. In. Revista Ensaio. FUNDAÇÃO CESGRANRIO, Rio de Janeiro. v. 10 nº 35. 1993.
- SOUZA, Fabiola Beatriz Franco. Educação antirracista e a diversidade étnica racial: Uma proposta para formação de professores frente à riqueza das diferenças. Disponível em: http://forum.ulbratorres.com.br/2008/mesa_texto/MESA10B-SOU-SA.pdf (Acesso em: 24/06/10)
- _____. A construção de uma proposta de educação para diversidade étnico-racial: um desafio na formação de professores. Dissertação. 2009.
- THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa – ação. 11. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.